

DA “NOSSA COMUM PRIMAVERA”: JOSÉ CRAVEIRINHA E AGOSTINHO NETO

**Marinei Almeida (UNEMAT)¹
Larissa da Silva Lisboa Souza (UFLA)²**

No texto “O sertão brasileiro na savana moçambicana” (COUTO, 2005, p.103), ao falar de seu “encontro” com Guimarães Rosa, Mia Couto reflete sobre o início da trajetória da poesia em Moçambique a partir de uma “história verdadeira”, no deambular do século XIX: o casamento de Juliana e Tomás Antônio Gonzaga, por ocasião da chegada de Gonzaga em território moçambicano enquanto exilado (pela condenação, no Brasil, por integrar a campanha da chamada “Inconfidência Mineira”). O “nascimento

1 Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela (USP). Docente na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e dos programas de Pós-Graduação em Estudos Literários (UNEMAT) e Estudos da Linguagem/Literatura (UFMT). E-mail: marinei.almeida@unemat.br

2 Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Professora Adjunta no Departamento de Estudos da Linguagem (DEL) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Coordena os grupos de pesquisa “Correntes e poéticas contemporâneas”, “Cartografias pós-coloniais nas literaturas de língua portuguesa”, além do Núcleo de Estudos “Laboratório da descolonização”. E-mail: larissa.lisboa@ufla.br

da poesia moçambicana”, argumenta Couto, está marcado por esse encontro, cujo funcionamento se deu como presságio “daquilo que seria um entrosamento maior que iria prevalecer” (referindo-se ao diálogo Brasil/Portugal) (Idem, p. 104). Como bom contador de histórias, assim nos conta:

Durante a convalescença, Juliana e o homem se apaixonaram. A ternura de Juliana era devolvida por via de versos rabiscados em folhas dispersas. Pouco tempo depois, os dois se casavam. Nos demorados serões da casa colonial se juntava a gente culta da ilha e o homem declamava poesia. Esses serões faziam nascer o primeiro núcleo de poetas e escritores na Ilha de Moçambique. (COUTO, 2005, p.104)

Mais de um século depois, envolto na necessidade de rupturas com Portugal e de uma literatura que trouxesse descobertas e proximidades com a terra, surge em Moçambique uma corrente de intelectuais consciente da urgência de uma produção cultural e literária que apontasse a uma concepção de “moçambicanidade”. Dentre eles se destacam nomes como de Rui de Noronha, Rui Knopfli, Noémia de Souza, Rui Nogar, entre outros.

Em Angola, o consenso crítico também se refere ao século XIX acerca das possíveis origens de uma literatura escrita em português, com a publicação do livro “*Esportaneidades de minha alma - às senhoras africanas*” (2018), de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 1849. E, assim como em Moçambique, somente a partir dos anos de 1950 surgem os movimentos de intelectuais que contribuiriam aos processos de libertação do país. Nomes como de Luandino Vieira, Uanhenga Xitu, Antônio Jacinto, Viriato da Cruz, entre outros, são fundamentais.

Em 1922, em Moçambique e em Angola, coincidentemente nascem dois dos escritores que fazem parte dessa intelectualidade ativa, seja no âmbito político, seja no literário: José João Craveirinha, em Lourenço Marques (atual Maputo), a 05 de maio, e em Angola, na Aldeia de Kexicane, região de Ícolo e Bengo, a 17 de setembro, António Agostinho Neto, cujos envolvimento

políticos e artísticos marcarão de maneira incontornável a história de lutas anticoloniais e nacionais, tanto pela liberdade po, para ficarmos somente com estes dois bicana e liberdade poeto se destacam ntos que lítica e geográfica, como por uma escrita que intenta o conhecimento sobre esses territórios, que se tornariam países, no desvencilhamento do substrato colonial.

A constituição da historiografia literária africana de língua portuguesa, portanto, tem como construção basilar os projetos nacionais voltados para as independências dos países africanos de língua portuguesa sob o jugo colonial português, e muitos artistas se tornaram conhecidos. José Craveirinha e Agostinho Neto, assim, são celebrados neste centenário de nascimentos, na presente edição da **Revista Alêre -Volume 26, 2022/02** - do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

O título desta apresentação retoma o verso do poema “Primavera”, do livro de José Craveirinha *Karingana Ua Karingana* (1974, p.43), como síntese da proposta da presente edição. O poema-narrativo apresenta ao leitor um “nefelibata” (aquele que está distraído) que sai de seu grau de “inconsciência” quando observa um estivador (trabalhador que carrega as cargas de embarcações nos cais) a passar. Ambos, mesmo com vivências distintas, encontram-se e se identificam com uma única causa, a utopia de libertação, representada na imagem da “Primavera”. Refletir sobre as produções artísticas de José Craveirinha e Agostinho Neto, portanto, intenta reconhecer seus projetos artísticos arquitetados através do desejo de muitos *florescimentos*.

José Craveirinha, para quem “escrever poemas” significa mais que refúgio, o próprio “País” (cf. NGOMANE, 2022, p. 16), é dono de uma vasta produção que deu início à uma nova maneira de se fazer poesia em Moçambique, ao utilizar os recursos da oralidade em suas produções, não se limitando apenas na intenção de reclamar autonomia da linguagem na realização de “um grande trabalho linguístico, uma vontade de criar palavras, de fazê-las explodir” (LABAN, 1998, p.1206), e nem somente de produzir uma literatura com intenção social, mas, sobretudo,

demonstra um trabalho centrado na força da linguagem poética. Dentre suas obras, destacamos, *Chigubo* (1964), *Karingana Ua Karingana* (1974), *Cela 1* (1980), *Hamina e outros contos* (1998) e *Maria* (1998).

Agostinho Neto, intelectual em que a “práxis social” (NETO, 2014) é constituinte de sua escrita, desde cedo esteve envolvido com atividades políticas. Enquanto estudante em Lisboa, Portugal, foi um dos fundadores da Revista *Momento*, em 1950, do Centro de Estudos Africanos, além de colaborador em outros importantes materiais artísticos, como as Revistas *Mensagem* (de Angola e de Portugal). Posteriormente, já no território africano, assume a direção do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA) e, após independência, torna-se o primeiro presidente do país em 1975. Sua atuação revolucionária, portanto, entrelaça-se com o seu exercício poético. Além dos textos de intervenção política (“Quem é o inimigo... qual é o nosso objetivo”, 1974; “Destruir o velho para construir o novo”, 1976; “Ainda o meu sonho”, 1980, dentre outros), seus poemas foram reunidos no livro *Sagrada Esperança* (2009), publicado em 1974 e, em 1982, em edição póstuma, vem à luz os livros *Renúncia impossível* e *Amanhecer* (2009). Contudo, outros foram os textos publicados, em diversas revistas e antologias, que muito contribuíram para a constituição de um projeto literário nacional.

Com o livro *Sagrada Esperança* (2009), Agostinho Neto trouxe à literatura angolana o convite para “criar liberdade nas estradas escravas ... criar amor com os olhos secos”, a partir do que se denomina como “literatura de combate”, oferecendo ao leitor um diálogo com as experiências de luta contrárias ao processo colonial, dando atenção ao sujeito colonizado que reivindica o seu “pedaço de pão”, como se lê no poema “Confiança” (NETO, 2009, p.53). Em diálogo com alguns movimentos artísticos, a exemplo da *Négritude* (LARANJEIRA, 1995), a obra reúne uma série de poemas de diversas datas, ainda durante o período colonial, e tornou-se um dos mais importantes trabalhos artísticos do escritor.

José Luís Cabaço (2004), ao refletir sobre a literatura

produzida no período de luta pela libertação, observa que alguns escritores, instigados a construir um novo “caminho literário”, encontram na “palavra escrita a forma mais direta de exprimir as sofridas angústias, de denunciar as iniquidades e injustiças, de fazer ouvir a própria voz” (CABAÇO, 2004, p.63). A palavra como ação (SARTRE, 2004, p.20) foi a arma utilizada tanto por José Craveirinha, como por Agostinho Neto, conscientes de que quando um escritor escreve, “na verdade é a sociedade que escreve através dele”, uma vez que nesse tipo de escrita há “uma confluência da práxis coletivas, desde a específica da série literária até às outras, relativas à sua atividade noutros campos semânticos do trabalho social” (ABDALA Junior, 1989, p.23).

Assim, no reconhecimento da importância do que José Craveirinha e Agostinho Neto representaram - e continuam a representar - na contribuição da construção de sociedades livres e mais humanas, além de uma literatura autônoma, em seus respectivos países e no âmbito das literaturas produzidas em língua portuguesa, a **Revista ALÈRE**, nesta **Edição Comemorativa: Centenários de José Craveirinha e Agostinho Neto**, soma-se a um cronograma celebrativo dessas importantes figuras.

Assim, esta edição foi organizada em três partes; na **Seção 01 “KARINGANA UA KARINGANA”:** HOMENAGEM A JOSÉ CRAVEIRINHA, os textos nela ancorados versam sobre escrita e temas relacionados ao poeta moçambicano. José Luís Cabaço, Vanessa Pincerato Fernandes, Vera Lúcia da Rocha Maquêa, Luana Soares de Souza, Marinei Almeida, Vanessa Riambau Pinheiro, Cleonilde Ribeiro de Souza e Costa, Sávio Roberto Fonseca de Freitas, Mislene de Oliveira, José Eduardo Martins de Barros Melo são os colaboradores que gentilmente aceitaram o convite para honrar esse grande poeta.

A **Seção 02 “CRIAR AMOR COM OLHOS SECOS”:** HOMENAGEM A AGOSTINHO NETO, dedicado ao Agostinho Neto, textos interventivos, críticos e analíticos de Maria Nazareth Soares Fonseca, Inocência Mata, Dieleem Mara da Silva Campos, Marinei Almeida, Edson Flávio Santos, Andréia Maria da

Silva, somam-se à homenagem ao poeta angolano. E na **Seção 03 POR UMA “SAGRADA ESPERANÇA”, “SIA-VUMA!”: HOMENAGEM A JOSÉ CRAVEIRINHA E AGOSTINHO NETO**, encontramos artigos de Carmen Lúcia Tindó Secco, Larissa da Silva Lisboa Souza e Rodrigo Valverde Denubila que optam por trazer em diálogo os dois poetas aqui homenageados.

O texto de José Luís Cabaço, “José Craveirinha, um poeta cidadão”, é iniciático, visto apresentar aos leitores a experiência de escrita de Craveirinha para além da expressão poética, descortinando potencialidades ensaísticas, a exemplo do estudo sobre o folclore moçambicano, as quais demonstram o trabalho artístico do autor como liame à moçambicanidade. Para além da figura política e literária, José Luís Cabaço nos apresenta um intelectual insurgente, no estudo crítico da cultura moçambicana, a exemplo da marrabenta.

Rejane Vecchia, em “A produção poética moçambicana: José Craveirinha”, propõe reflexões sobre a insurgência de Craveirinha em seu tempo e espaço, no diálogo com outros escritores, como Noémia de Sousa, discorre como suas obras expõem as “fraturas provocadas pelas intervenções do mundo colonialista”. A estudiosa, desse modo, levanta o percurso artístico do escritor moçambicano, através de suas principais obras, pela análise de poemas que ilustram a potencialidade de sua escrita à compreensão de Moçambique e de suas utopias.

Tendo a oralidade como discussão central, o estudo de Vanessa Pincerato Fernandes e de Vera Lúcia da Rocha Maquêa, “José Craveirinha e a palavra vocalizada”, discute como a estória de uma história de colonização e a busca incessante de uma identificação moçambicana, em meio a um espaço povoado por personagens, vão emergir nos versos de Craveirinha. Na reafirmação cultural quanto às reivindicações dos povos tradicionais, as autoras levantam o papel de destaque do escritor no argumento político, na arena de debate sobre os direitos intelectuais dos povos tradicionais moçambicanos.

À luz do pensamento de fundamentais teóricos dos estudos pós-coloniais, como Frantz Fanon, Albert Memmi e

Achille Mbembe, Luana Soares de Souza e Marinei Almeida nos apresentam em “Dores, denúncias e utopias na poesia de José Craveirinha” reflexões à cerca da produção literária de Craveirinha através das discussões raciais, em que a dicotomia negro versus branco ambientava a experiência colonial. As autoras demonstram como as imagens da África são repensadas por Craveirinha, a partir de um viés que desnuda o racismo cotidiano nas vivências moçambicanas do período.

O fazer poético de José Craveirinha, como memória coletiva, foi a proposta do texto “José Craveirinha e a invenção da nação”, de Vanessa Rimbau. A partir de análise de poemas nas obras *Xigubo* (1964), *Karingana ua Karingana* (1974) e *Cela I* (2010), compreende-se a memória enquanto pertença a um ideal comum pela autonomia moçambicana, por meio de efabulações do utópico à construção “imagológica da nação”.

Também no estudo de *Karingana ua Karingana* (1974), além de *Obra Poética* (2002), Cleonilde Ribeiro de Souza Costa, em “*Karingana Ua Karingana*, de José Craveirinha: uma maneira simples e poética de contar e encantar”, explora a liberdade de imaginação em alguns poemas de Craveirinha, a partir da apropriação da diversidade cultural como aspecto particular – e fundamental - da moçambicanidade.

Por fim, como contribuição aos estudos comparados, dois são os artigos presentes nesta edição: o primeiro, intitulado “Dos poemas-tambores que vibram por José Craveirinha: o canto-combate de Paulina Chiziane e Deusa d’África”, de Sávio Roberto Fonseca de Freitas, cujo objetivo é o de demonstrar como a voz poética de José Craveirinha se reverbera na produção literária de autoria feminina contemporânea em Moçambique, nas poesias de Paulina Chiziane e Deusa d’África. Na retomada palavra “em combate” do escritor moçambicano, no sentido de reivindicar discussões políticas sobre nacionalidade, territorialidade, cura e libertação, os textos das respectivas escritoras edificam, segundo o autor, gritos de libertação que ecoam os sentidos trabalhados em Craveirinha, inclusive para refletir sobre a mulher na contemporaneidade.

No segundo estudo comparado, ainda da Seção 01, o artigo “Autobiografia em Craveirinha e Armando Freitas Filho: Maria e Cri como matéria poética”, de Mislene de Oliveira e José Eduardo Martins, propõe a relação entre a autobiografia e a poesia presente no livro *Maria* (1988), de Craveirinha, e em *Rol* (2016), do carioca Armando de Freitas Filho, especificamente na seção intitulada de “Octeto para Cri”, de modo a comparar o caminho poético que cada autor constrói em torno dos nomes femininos e suas eventuais referências, considerando a natureza de um texto literário.

Na segunda seção, em homenagem a Agostinho Neto, o artigo de Maria Nazareth Soares Fonseca “A literatura de Agostinho Neto: intenção poética e política” tem como proposta o estudo panorâmico da escrita agostiana, no diálogo entre o texto literário e a experiência militante como exercício constituinte do projeto do escritor. Logo, as reflexões propostas pela estudiosa oferecem ao leitor tanto a compreensão iniciática sobre a produção artística do escritor, bem como no aprofundamento de análise a partir do estudo de algumas poesias.

Inocência Mata, no artigo “A poesia de Agostinho Neto no sistema-mundo literário em português: relendo *Sagrada Esperança*”, propõe a retomada da leitura da obra *Sagrada Esperança* (2009), como possibilidade de compreensão do exercício artístico do escritor angolano, enquanto proposta de uma memória coletiva como constituinte da “práxis social” (NETO, *apud* LARANJEIRA & ROCHA, 2014). Apropriando-se da terminologia “sistema-mundo”, inserida nos estudos da economia política, a teórica objeta o diálogo entre sujeitos de realidades diversas, mas que ambientam experiências desiguais que se conectam quanto à “existência desigual”, relacionadas as suas condições periféricas e semi-periféricas, na compreensão do lugar da poesia do escritor angolano.

Já em ““Para além da poesia”: lirismo e engajamento em Agostinho Neto”, Dieleem Mara da Silva Campos e Marinei Almeida analisam os poemas “Para além da poesia” e “Poema” da obra *Sagrada Esperança* (1974), com o intuito de destacar

e/ou extrair possíveis concepções do autor em relação à sua atividade artística, a fim de reforçar a ideia de que o poeta possui uma consciência crítica de seus processos literários. Os poemas evidenciam, segundo as autoras, o comprometimento do poeta para com a sua sociedade, pautado em uma permanente perspectiva de futuro.

O artigo de Edson Flávio “Adeus à hora da largada: quando os dias em Angola eram noites...” propõe a discussão da trajetória de Agostinho Neto, demonstrando como a história é fulcral à compreensão de suas poesias. Fruto das reflexões advindas de sua tese de doutorado, o autor constrói um percurso histórico-literário da vida do poeta angolano, marcado por injustiças e intensa luta pela libertação do seu povo, a partir de alguns poemas presentes em sua *Obra Poética Completa* (2016) que coadunam-se na construção de um eu poético-coletivo que sustenta uma poesia comprometida com a luta e a justiça.

Por fim, o estudo de Andréia Maria da Silva e Marinei Almeida “Agostinho Neto e Manuel Brandeira: correspondências” traz uma proposta comparada entre os poemas “Meninos Carvoeiros”, de Manuel Bandeira e “Velho Negro”, de Agostinho Neto, na intenção de apresentar uma discussão acerca dos fatores que apontam para semelhanças e diferenças culturais, literárias, estéticas e temáticas entre os poemas, bem como mostrar a importância do Modernismo Brasileiro e a contribuição de Manuel Bandeira no projeto de nacionalização da literatura angolana. Nesse direcionamento, a intenção do trabalho também é demonstrar que trata-se de materialidades que se constituem por meio de mesclas culturais diversas.

Constituintes da última seção da presente edição comemorativa, dois são os estudos que se referem aos escritores homenageados. No primeiro deles, “Agostinho Neto e José Craveirinha: vozes fundacionais da poesia de Angola e Moçambique”, Carmen Lúcia Tindó Secco nos apresenta a potencialidade dos dois escritores não apenas como figuras históricas à constituição dos projetos nacionais de seus países, bem como a importância de suas produções literárias na historiografia

literária dos países africanos de língua portuguesa. Através do estudo comparado, a estudiosa propõe discussões que afirmam o “entrelaçamento de suas poéticas”, por meio de análises de poemas que favorecem o aprofundamento reflexivo sobre a produção artística dos escritores.

E, o artigo “José Craveirinha e Agostinho Neto na escola brasileira: Letramento Racial Crítico e o ensino de literatura”, de Larissa da Silva Lisboa Souza e Rodrigo Valverde Denubila, finaliza a presente edição da **Revista Alêre**, através de reflexões sobre as poesias dos dois autores apropriadas aos exercícios pedagógicos na escola brasileira. Na compreensão da atualidade das produções artísticas de Craveirinha e Neto como possibilidade de apreciação e discussão sobre o *continuum* colonial em sociedades contemporâneas, a exemplo da brasileira, os autores propõem o diálogo entre o Letramento Racial Crítico e suas poesias, à luz de perspectivas críticas e culturais racializadas, a exemplo do pan-africanismo, oferecendo, inclusive, suportes críticos aos profissionais da educação.

Por meio dos textos aqui expostos, os quais abordam variadas questões, seja da biografia dos escritores, bem como de suas escritas, em homenagem a esses dois “viajantes de identidades”, que com seus escritos foram capazes de “engravidar os outros de sentimento e de encantamento”, no “reacender do amor entre a escrita e a nação enquanto casa feita para sonhar” (COUTO, 2005, 59,63), nós, as organizadoras desta edição, desejamos a todos, todas e todes uma excelente leitura!

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Literatura: História e Política*. São Paulo. Ática, 1989.

CABAÇO, José Luís. A questão da diferença na literatura moçambicana. In: *Via Atlântica*. N. 7. Revista do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, 2004.

CRAVEIRINHA, José. *Karingana Ua Karingana*. Lourenço Marques: Edição da Academia, 1974.

CRAVEIRINHA, José. *Hamina e outros contos*. Maputo: Ndjira, 1997.

CRAVEIRINHA, José. *Cela I*. Maputo: INLD, 1980.

CRAVEIRINHA, José. *Maria*. Portugal: Editorial Ndjira, 1998.

CRAVEIRINHA, José. *Xigubo*. Maputo: Alcance Editores, 2008.

COUTO, Mia. *Pensatempos – Textos de opinião*. 2.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

LABAN, Michel. *Moçambique – Encontro com escritores*. Vols. I, II e III. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MAIA FERREIRA, José da S. *Espontaneidades da minha alma. As senhoras africanas*. Reprodução fac-similada da edição de 1849. Porto: 2018.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança, Renúncia Impossível, Amanhecer*. Obra poética completa. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2009.

NETO, Eugénia. “A poética de Neto como práxis social”. In: LARANJEIRA, P.; ROCHA, A. T. (Org.). *A noção do ser*. Textos escolhidos sobre a poesia de Agostinho Neto. Luanda: Fundação Agostinho Neto, 2014, p.23-28.

ŞARTRE, Jean-Paul. *O que Literatura?*. São Paulo: Editora Ática, 2004.